

Caros Leitores

A edição 70 de *Arte&Crítica* está no ar. Em conexão com o que está acontecendo no mundo da arte, nossa revista apresenta três artigos sobre a *Bienal de Veneza*. A 60ª Exposição Internacional de Arte pode ser vista até 24 de novembro. E é iluminada com a curadoria do brasileiro Adriano Pedrosa, o primeiro latino-americano a desenvolver esta função. Importante destacar que Pedrosa é uma das personalidades agraciadas, na solenidade deste ano, com o Prêmio ABCA

Rui Cepeda, membro da AICA - Associação Internacional de Críticos de Arte, no Reino Unido, apresenta um panorama geral da *Bienal de Veneza*. Também Adriana Almada, da AICA Paraguai, traz, como destaque, a representação de seu país por uma mulher de origem indígena. E Afonso Medeiros, da ABCA Pará, analisa a repercussão da curadoria de um latino através de notícias em periódicos norte - americanos.

Dando continuidade ao destaque aos povos originários. Alessandra Simões Paiva e os críticos e professores Thea Pitman, Paulo Pepe entrevistam artistas indígenas brasileiros presentes em mostra coletiva na Inglaterra.

Na linha de análise de artistas e obras, temos o artigo de Felipe Martinez abordando a exposição “Hilma af Klint & Mondrian: Levensformen”, realizada no Kunstmuseum, em Haia, entre 2023 e 2024. Martinho Alves da Costa Júnior faz uma análise sobre as exposições celebrativas na Bélgica neste ano, a partir de duas

mostras dedicadas a James Ensor, em Bruxelas. Em uma justa homenagem ao trabalho da fotógrafa Alice Brill, o artigo de Dalmo de Oliveira Souza e Rosemari Faga Viegas, analisa, com sensibilidade, o repertório de Brill em *Flagrantes de São Paulo*.

Elza Aizemberg discute o importante movimento muralista mexicano através dos episódios históricos e sociais; Destaca seus principais personagens e a pintura mexicana da primeira metade do século 20. Francesco Ballerini questiona a consolidação do poder cultural da arte que passa pelo audiovisual no século 21. O artigo elucida os mecanismos de consolidação do poder na arte e no entretenimento. Também Carmen Aranha e Evandro Nicolau analisam os significados na performance *Marcha à ré*. O sentido do artigo é a reflexão, um repensar a passagem do tempo sem abraçar apenas a esperança como única engrenagem e retornar às formas contemporâneas aderentes às forças emergentes.

O artigo de Lucas Dilacerda discute os limites discursivos das categorias estéticas modernas de figuração e abstração. Para tanto, traz o pensamento poético de Castiel Vitorino Brasileiro e R.Trompaz. Uma surpresa para o leitor é o texto original de Avatar Moraes sobre tecnologia e forma, que o artista e professor elaborou em sua máquina de escrever com as correções à mão. É apresentado por Tânia Fraga, sua colega na Universidade de Brasília.

Encerramos esta edição com dois ensaios visuais, sob forma de curadorias. Alecsandra Matias de Oliveira traz o

trabalho da artista Nina Moraes criado nos anos de 1990, mas que, ainda hoje, reverbera no cenário contemporâneo. Em homenagem aos 116 anos da imigração japonesa, comemorados em junho, Jacob Klintowitz, apresenta a curadoria da exposição e também o livro *A Realidade Máxima das Coisas*. Prestigiados por estudantes, artistas, pesquisadores, na Galeria Frente, em São Paulo, o crítico Klintowitz repercute em um ensaio visual a sutileza e poesia das obras de Jorge Mori, Flávio Shiró, Kazuo Wakabayashi, Manabu Mabe, Megumi Yuasa. Takashi Fukushima, Tikashi Fukushima, Tomie Ohtake, Tomoshige Kusuno, Yutaka Toyota e Tsuguharu Foujita. Como define Jacob Klintowitz, o trabalho destes mestres é o encontro infinito entre a lua e o sol.

Caros leitores, finalizamos com dois convites: a chamada para novos sócios e a participação de todos na cerimônia de entrega do Prêmio ABCA, atividade importante e tradicional de nossa Associação.

Boa leitura.

Leila Kiyomura e Maria Amelia Bulhões